

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2



**Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :
mudanças e tendências 2 / Organizadoras Denise Pereira,
Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena,
2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-221-0

DOI 10.22533/at.ed.210202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS INTERNAS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO PROGRESSO – ERECHIM/RS	
Clovis Schmitt Souza Rubia Samanta da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2102022071	
CAPÍTULO 2	12
A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA PATERNA NO CICLO GRAVIDÍCIO-PUERPERAL	
José Salomão de Freitas Mesquita Ana Lizete de Souza Bastos Maria Eliane Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2102022072	
CAPÍTULO 3	16
A NOTICIABILIDADE NO SITE DE MÍDIA INDEPENDENTE JORNALISTAS LIVRES	
Ana Carolina Brandão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2102022073	
CAPÍTULO 4	29
CERIMONIAL RELIGIOSO: UMA ANÁLISE SOBRE ELABORAÇÃO DE EVENTOS RELIGIOSOS A PARTIR DE UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM ÁGUAS LINDAS DO GOIÁS	
Wdson Lyncon Correia de Oliveira Elissélia Keila Ramos Leão Paes Fabrício José da Silva Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.2102022074	
CAPÍTULO 5	42
COMPROMISO DE LA ÉTICA AXIOLOGICA SUSTENTABLE PARA LAS NUEVAS GENERACIONES DE INGENIEROS QUIMICOS INDUSTRIALES	
Rebeca Teja Gutiérrez Edmundo Resenos Díaz Nidia López Lira	
DOI 10.22533/at.ed.2102022075	
CAPÍTULO 6	59
EDUCAÇÃO E SAÚDE: ANÁLISE DO PERFIL SOCIOCULTURAL DOS HÁBITOS ALIMENTARES E DA SAÚDE EM ADOLESCENTES DA PRIMEIRA FASE DE 10 A 14 ANOS	
Victor Hugo de Oliveira Henrique Viviane de Oliveira Henrique Dayane Tonaco Assunção Larissa Gabriela Araujo Goebel Kaique Alves de Souza Pedro Aurélio Tataira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2102022076	
CAPÍTULO 7	69
INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA DA JUVENTUDE À MATURIDADE DE SIMÓN RODRÍGUEZ	
Brennan Cavalcanti Maciel Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.2102022077	

CAPÍTULO 8	81
O PAPEL DA CEAGESP NA COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE	
Larissa Oliveira Dionisio	
Antonio Nivaldo Hespanhol	
DOI 10.22533/at.ed.2102022078	
CAPÍTULO 9	94
O USO DA PLATAFORMA DIALOGA BRASIL COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O FOMENTO AOS CANAIS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR: BREVES RESULTADOS OBSERVADOS	
Laercio José Peres dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2102022079	
CAPÍTULO 10	113
PROJETO BARRAGINHAS NO NOROESTE DE MINAS GERAIS: DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	
Elias Rodrigues de Oliveira Filho	
Natacha Souza John	
Rogério Leandro Lima da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.21020220710	
CAPÍTULO 11	129
PROPOSTA DE MÉTODO TÉCNICO PARA ESTUDO DESCRITIVO DE ABSENTEÍSMO POR LICENÇA MÉDICA DA UNESP, CÂMPUS DE ILHA SOLTEIRA	
Beatriz Garcia Lopes	
Joeder Aparecido da Silva Flores	
Renata Trasse de Oliveira Barbosa	
Rogério de Oliveira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.21020220711	
CAPÍTULO 12	142
QUALIFICAR PARA PRESERVAR: UMA CONTRIBUIÇÃO FORMATIVA	
Haroldo Gallo	
Marcos Tognon	
DOI 10.22533/at.ed.21020220712	
CAPÍTULO 13	154
SUICÍDIO E TRABALHO CONTEMPORÂNEO	
Daniela Piroli Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.21020220713	
CAPÍTULO 14	165
SUSTENTABILIDADE SOCIAL COMO OBJETIVO INTERNACIONAL E TENDÊNCIA NAS LICITAÇÕES	
João Ricardo Vicente	
DOI 10.22533/at.ed.21020220714	
CAPÍTULO 15	176
THOMAS KUHN E O CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA: A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE	
Luís Carlos Silva de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.21020220715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	185
ÍNDICE REMISSIVO	186

CERIMONIAL RELIGIOSO: UMA ANÁLISE SOBRE ELABORAÇÃO DE EVENTOS RELIGIOSOS A PARTIR DE UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM ÁGUAS LINDAS DO GOIÁS

Data de aceite: 01/07/2020

Wdson Lyncon Correia de Oliveira

Instituto Federal de Brasília, Eventos
Brasília – Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/0353981132158977>

Elissélia Keila Ramos Leão Paes

Instituto Federal de Brasília, Eventos
Brasília – Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/4130941846397528>

Fabrcio José da Silva Pontes

Instituto Federal de Brasília, Eventos
Brasília – Distrito Federal
<http://lattes.cnpq.br/1636792534142641>

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar o que foi identificado e analisado quanto as normas de cerimoniais e protocolos que regem a festa de Candomblé Olubajé no Terreiro *Ile Axé Odé Erinlé* em Águas Lindas do Goiás. Se desenvolveu sob a ótica da observação participante, tendo na interpretação semiótica sua base para análise e discussão. Como proposta etnográfica, se propõe a pensar o território-terreiro como lugar de produção de conhecimento e na condição do pesquisador enquanto ator que compõe o meio e a análise. Ainda foi possível verificar a existência de similaridades entre as estruturas e normas

de uma festa de candomblé com as que são previstas e proposta na elaboração e planejamento de um evento, o que possibilita a ampliação da perspectiva do eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer sobre Cerimonial e Protocolo Religioso.

PALAVRAS-CHAVE: Cerimonial e protocolo religioso; candomblé; eventos.

RELIGIOUS CEREMONIAL: AN ANALYSIS ON THE ELABORATION OF RELIGIOUS EVENTS FROM A CANDOMBLÉ PARTY IN ÁGUAS LINDAS DO GOIÁS

ABSTRACT: The present work aims to present what was identified and analysed how much the standards of ceremonial and protocol what they govern the party of Candomblé Olubajé in the Terreiro *Ile Axé Odé Erinlé* in Águas Lindas do Goiás. If it developed under the optics of the observation participant, when his base has in the interpretation semiotics for analysis and discussion. Like proposal etnográfica, there intends to think the territory-yard as place of production of knowledge and in the condition of the investigator while actor who composes the way and the analysis. It was still possible to check the similarities existence between the

structures and standards of a party of candomble with those who are predicted and proposed in the preparation and projection of an event, which makes possible the enlargement of the perspective of the axle of Tourism, Hospitality and Leisure on Cerimonial and Religious Protocol.

KEYWORDS: Cerimonial and religious protocol; candomblé; events.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Prandi (2005), as culturas trazidas ao Brasil, no contexto do tráfico, foram diluídas no novo território e contribuíram significativamente para a formação do que é a cultura brasileira, com influências na música, na culinária, na língua, nos valores sociais, sobretudo nas concepções religiosas que é base para muitos povos que aqui chegaram. E foi nesse contexto de colonização e exploração violenta das novas terras que o campo da religião foi fortemente influenciado por novos elementos e atores, produzindo uma relação direta e íntima com o sagrado a partir do território e povos que aqui habitavam.

Considerando esse contexto de transposições forçadas de culturas, nesta produção busca-se evidenciar elementos de normas de Cerimonial e Protocolo agenciadas para o desenvolvimento da festa Olugbajé do Terreiro de Candomblé Ilê Asé Ode Erinlé. Antes, é necessário considerar duas questões fundamentais para o entendimento sobre o funcionamento da festa: o Candomblé como religião que corresponde a grupos específicos, localizados em contextos e grupos étnicos vindos de África; o território-terreiro como lugar e espaço de reinvenção da África no Brasil (SILVA, 2010, p. 99).

Portanto, este trabalho se propõe a apresentar a existência de outras concepções acerca do tema baseado no que Santos (2009) defende ao trazer o lugar do Sul para o campo das produções e epistemologias, ampliando a visão sobre Cerimonial e Protocolo e contribuindo com a produção científica do eixo temático Turismo, Hospitalidade e Lazer, possibilitando outras perspectivas, por vezes dissidentes e subalternizadas (SPIVAK, 2010), apresentando dados qualitativos e substanciados para melhor compreensão a partir de uma abordagem exploratória (Triviños, 2011). Tendo isso em vista, o objetivo é identificar os protocolos e normas existentes em uma festa de candomblé a partir da festa Olúgbàje, através da observação participante e do diálogo entre os dois autores deste trabalho adeptos da religião como ferramenta de análise (Bakhtin, 2003), pois “não há trabalho de campo que não vise a um encontro com um outro” (Amorim, 2004, p.16). É sob a ótica de Nunes (2006) que este trabalho se fundamenta quanto ao conceito de Cerimonial e Protocolo como sendo “um conjunto de formalidades preestabelecidas que precisa ser conhecido e observado em eventos oficiais ou especiais, sendo o indicador de como as pessoas devem se comportar no convívio social formal”

A pesquisa foi proposta pela carência existente de produção acerca do tema, sobretudo por se tratar de uma religião cujo registros ainda são incipientes. Os Candomblé

são religiões que tem sua base na oralidade, aonde “a palavra falada se empossa, além de um valor moral fundamental de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina, às forças ocultas nela depositadas[...] Não utilizada sem prudência” (Hampatê Ba. 2010; p.180), assim como na transposição do conhecimento em tempos, espaços e por atores determinados pelo sagrado como nos apresenta Rabelo e Santos (2011, p. 193). Quanto a isso, é possível ainda fazer um paralelo com Merleau-Ponty (1994), similar ao que Husserl apresenta, ao apontar a centralidade do sujeito-corpo na experiência sensorial e perceptiva, possibilitando o entendimento da aprendizagem no processo vivencial. Mas é com Latour (2004) que essa discussão é visivelmente aprofundada ao discorrer mais diretamente sobre a questão da percepção em um trabalho que tem como interface para o debate *o corpo* enquanto agente que move ações e relações com o meio.

Dentre as questões tratadas neste texto, destacam-se: a estrutura da festa Olubajé; as normas que a regem, tendo como norte a perspectiva de Nunes (2006) acerca do Cerimonial e Protocolo; e o Ilê Axé (a casa de axé/terreiro) como campo de produção, não apenas de observação. A festa foi realizada no Ilê Asè Odé Erinlé, localizada em Águas Lindas do Goiás. O Terreiro, de nação Ketu, ou Alaketu, e cujo Matriz é o Ile Ase Opo Afonjá, tem menos de 10 anos de inaugurado e registrado.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

Evidenciar a marginalização na qual estão submetidos alguns povos e culturas no Brasil e no mundo vem sendo um papel importante e uma batalha em torno do conhecimento (Santos, 2009) cada vez mais encorpado pela ciência, sobretudo pelas Ciências Sociais. É neste cenário que este trabalho ganha sua importância, pois Silva (2010, p. 12) concorda com Santos quando aponta que o “desafio à hegemonia cultural resultou numa abertura à diversidade de saberes. Com essa diversidade epistêmica, temas como aqueles ligados às questões raciais, gênero, corpo, identidade, religião, [...] se tornam relevantes”. A partir disso, se faz necessário apresentar o cenário no qual estão imersos os Candomblés, e suas variadas nações e estruturas de culto aqui presentes que chegaram ao Brasil devido ao tráfico de africanos para o que seria, mais tarde, uma nova nação.

A história apresenta dados circunstanciais dos Candomblés como sendo integrados às religiões de matriz africana (Santos, 2015), ou seja, religiões que compõem em sua estrutura ancestralidades africanas. Ainda assim, cabe reiterar o lugar do Brasil, enquanto conjunto de povos e elementos que influenciam e são influenciados pelas tradições aqui existentes, atribuindo portanto à essas religiões o seu lugar neste território. As religiões de matriz africana são, portanto, no Brasil, nomeadas religiões afrobrasileiras e Bhabha (1996) dá vida a essa perspectiva quando, em sua produção, deixa claro que as religiões de matriz africana possibilitam uma recriação, a partir de elementos essencialmente

africanos, de espaços diaspóricos em decorrência do processo de hibridação. Prandi (2005, p. 165) reforça essa perspectiva ao defender que

Nas diferentes grandes cidades do século XIX surgiram grupos que recriavam no Brasil cultos religiosos que reproduziam não só a religião africana, mas também outros aspectos da cultura na África. Os criadores dessas religiões foram negros de etnias nagôs ou iorubás, especialmente os das cidades e regiões de Oiô, Lagos, Queto, Ijexá, e Egbá, e os povos fons, aqui chamados de jejes, sobretudo os mahis e os daomeanos [...]. A religião negra, que na Bahia se chamou de Candomblé, em Pernambuco e Alagoas de Xangô, no Maranhão, tambor-de-mina, e no Rio Grande do Sul, batuque, foi originalizada em grupo de 'nações', ou 'nações de candomblé'.

É nesse espaço território-terreiro (Corrêa, 2005) e a partir dele que este trabalho se desenvolve. O lugar da pessoa no terreiro, seja ela convidada ou integrante da casa, é o que produz a festa, as relações, os diálogos, a ligação com o sagrado. Na festa está nossa principal transposição de cultura e interlocução com as normas que regem-na durante a observação. Segundo Silva (2010, p. 104 apud Prandi, 2005),

O acontecimento da festa relaciona-se ao sagrado, que durante a celebração fica determinado pela afirmação de que tudo começa quando tudo está pronto. Ademais é marcado pela chegada dos Orixás no mundo material, neste caso no território-terreiro. Eles chegam para expressar, por meio de suas danças ritualísticas, seus feitos que são cantados em seus mitos e lendas [...]

Tendo isso em vista, é neste espaço tempo em que se localiza a análise, a festa. Nela, é possível perceber algumas estruturas, signos e significados, mas isso pode variar de acordo com a festa, casa e nação de candomblé. Ainda assim, foi possível evidenciar que existem pelo menos 4 momentos em torno dela: 1º) o planejamento, aonde é pensado a organização, o que precisa ser providenciado de recursos materiais e humanos, além de previsibilidade dos custos e as cerimônias e rituais iniciais restritos; 2º) o xirê, início da festa, quando em fila, ao som dos atabaques (Rum, Rumpí e Lé), do mais velho para o mais novo, as pessoas da casa entram para o Barracão para rodar o padê de Exú e dar início a festa e receber os Orixás; 3º) o banquete, quando, ao finalizar o encontro com os orixás, todos compartilham o axé e socializam enquanto se alimentam; e 4º) a organização conjunta do espaço pós festa. Ainda sobre a festa no Candomblé, a antropóloga Amaral (2006, p. 57 e 60) nos fornece base quando diz que

[...] é uma das mais expressivas instituições dessa religião e sua visão de mundo, pois é nela que se realiza, de modo paroxístico, toda a diversidade dos papéis, dos graus de poder e conhecimento a eles relacionados [...]. Nela não encontramos apenas fiéis envolvidos na louvação aos deuses; muitas outras coisas acontecem na festa. Neça andam juntos a religião, a política, a economia, o prazer, a estética etc. [...] A religião passa se confundir com a própria festa.

Cada momento da festa apontado anteriormente corresponde a estruturas que podem variar, pois nos candomblés algumas hierarquias direcionam os papéis que por sua vez podem mudar. Por exemplo, a hierarquia nos espaços territórios- terreiros funcionam de forma que os mais velho são responsáveis por administrar as funções, as contas, a

ordem da casa durante o evento, enquanto os mais novos (yawôs e abaiãs) são guiados e acompanhados pelos mais velhos. Trazendo para o cenário dos eventos, a autora Matias(2014) chama esta fase de transevento, ou seja a aplicabilidade das determinações previstas. Ainda segundo autora Matias (2014) cada evento insere sua complexidade, apresentando atividades distintas e responsabilidades compartilhadas, não sendo diferente nos festejos do Canbomblé.

No primeiro e no terceiro momento a organização se estabelece pelas relações interpessoais da casa, respondendo sempre a hierarquias existentes. Já no segundo momento, com um cenário híbrido, constatou-se a existência de uma liminaridade atrelada a subjetividade e metafísica, onde aparecem novos atores (com o ato da incorporação) produzindo assim outras normas que não necessariamente eliminam as demais, mas que regem aquele momento determinado sob a ótica do sagrado.

Por constatar a existência desses quatro momentos, sobretudo por compreender também que os candomblés têm estruturas e normas próprias de cerimonial e protocolo, este trabalho não se propõe identificar e analisar as normas que surgem com a chegada desses novos atores (os Orixás), mas se preocupa em identificar as normas que regem a festa na perspectiva macro, atreladas as relações interpessoais, pois “[...] assim que o Orixá ‘vira’, outros papéis são acionados [...]” (Silva, 2010, p. 106) e esses papéis respondem a normas diferentes que necessitam de uma análise mais minuciosa para melhor compreender sua complexidade e seu contexto.

E é “por ser uma religião baseada na tradição oral repassada através de processos inciativos e vivenciais, o Candomblé não tem um livro em que se encontram registrados os seus princípios e fundamentos, como é o caso de outras religiões que têm a Bíblia e o alcorão” (SANTOS 2015, p.45) que a presente pesquisa se desenvolve de forma a viabilizar a legitimidade das narrativas orais apresentadas como fontes de informação sob a ótica do discurso.

Nesse sentido, o estudo vem transcorrer e detalhar a concretização do evento que ocorre neste contexto. A saber, todos os itens e áreas protocolares para a realização de um evento necessitam de ampla visão das áreas específicas e dos itens necessários (FONTES, 2002, p.105), sendo necessário refletir na viabilidade para que as festas ocorram.

3 | METODOLOGIA

Tendo em vista que esta se trata de uma pesquisa aonde os sujeitos participantes e pesquisadores são atores-redes (Latour, 2012), integrando o lugar comum da análise, e que é por meio da interlocução com estes mesmos sujeitos autores deste trabalho, nessa estrutura com base na oralidade como afirma Bastide (2003) Beniste (2002) e Caputo (2012), que o conhecimento percorreu um caminho metodológico por meio de

levantamento e estudo bibliográfico, pesquisa descritiva exploratória *in loco que* segundo Andrade (2009), Bertucci (2008), Lakatos (2003), Gil (2002), Prodanov (2013) e Silva (2001) tem como finalidade ter material que forneça base para a análise. Com metodologia regida sob a ótica da observação participante (Malinowsk, 1984) da festa Olugbajé, a partir da interpretação semiótica de Geertz (1978), ou seja, de uma metodologia que não só busca o discurso do outro, mas o que o outro quer factualmente dizer, que esta pesquisa foi desenvolvida.

O presente trabalho transcorreu um longo e exaustivo caminho de levantamento e revisão bibliográfica. Se tratando de um tema cujo registros ainda são incipientes, e de uma religião que tem seus ensinamentos baseados na oralidade, ainda assim foi possível tomar como base a literatura acerca dos candomblés no Brasil para que o desenvolvimento desta análise. A partir disso, foi possível traçar um caminho possível de pesquisa considerando que a base para tal desenvolvimento seria as fontes narrativas orais do Ilê Asé Odé Erinlé.

Tendo destacado isso, cabe ressaltar também que a melhor estratégia para este trabalho foi reconhecer nas narrativas dos autores enquanto sujeitos atores- redes (Latour, 2012) integrantes da religião e viabilizar, neste momento, uma análise acerca do tema através dos conhecimentos por eles adquiridos em seu tempo na religião e no Terreiro, pois “seu local de moradia, sua história, suas redes sociais compõem o cenário do estudo” como nos apresenta Dalmolin (2002) ao que pode ser aplicado em uma pesquisa onde o interlocutor é o próprio pesquisador. Nessa perspectiva o observador - que, para Bakhtin “não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado” (Bakhtin, 1997a, p.355) - é partícipe dos eventos que observa , e pode ser conceituada como

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo(May, 2001: 177).

A partir disso, foi necessário aprofundamento no que Leininger (1991) chamou de “Observação-Participação-Reflexão (modelo OPR)” e “Estranho-Amigo” para compreender o lugar do autor na configuração da pesquisa e o que o mesmo pretende falar.

4 | DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa, ao tentar verificar e identificar as normas protocolares que regem a festa Olubajé de um Terreiro, o *Ile Axé Odé Erinlé*, notou a dimensão na qual a festa está inserida. Dimensão essa que inviabiliza discutir sobre toda sua estrutura e organização em apenas um artigo. Sendo assim, a melhor alternativa foi traçar um roteiro de questões acerca do Cerimonial e Protocolo e identificar essas normas em um dos momentos da festa e direcionar de forma pontual.O *Ile Axé Odé Erinlé* foi escolhido por ser o lugar aonde um dos autores está localizado, o que viabilizou encontros, participação, observação e reflexão conjunta.

A festa, o Olubajé, acontece anualmente, durante o mês de agosto, e acontece em homenagem ao Orixá Omolú e sua família Kerejebe (ou Ji para algumas nações), composta por outros Orixás como sua mãe Nanã, Oxumarê, Ewá e Ossain. Sua proposta é não apenas homenagear, mas também oferecer um grande banquete, onde a comida é servida na folha de bananeira e sua função é oferecer bons caminhos aos participantes e integrantes do Terreiro. Nela, observa-se uma configuração bastante distinta e complexa das demais festa da casa. Ela foi escolhida por ser a festa com tempo de duração mais extenso, possibilitando maior vivência para participação e observação.

Antes, se faz necessário apresentar alguns elementos da constituição da hierarquia interpessoal nos terreiros de candomblé: 1) o babalorixá ou iyalorixá é a pessoa responsável pelo terreiro e pela ordem geral, é o pai ou a mãe de todos ali e está acima dos demais; 2) em seguida, ainda dentro dessa hierarquia, existem os cargos de Ogãs (atribuído aos homens que não ‘viram no orixá’) e as Ekedis (as mulheres que são responsáveis sobretudo por cuidar dos Orixás – elas também não incorporam no Orixá); 3) abaixo, existem os Egbomis (aqueles com mais de 7 anos iniciados), os Yawôs (noviços iniciados com menos de 7 anos) e o Abiãs (aqueles integrantes da casa que ainda não foram iniciados).

Dito isto, podemos analisar a estrutura da festa a partir do que foi possível verificar como sendo composta por quatro momentos, dos quais: 1) planejamento e realização dos rituais iniciais aberto apenas para quem já é iniciado com mais de 7 anos; 2) a festa, com outros dois desdobramentos que perpassam o campo da metafísica; 3) o banquete, ao final da festa, possibilitando o compartilhamento das comidas e a socialização das pessoas; e 4) a organização conjunta do Terreiro pós evento. Aqui, é possível um diálogo entre a estrutura proposta por Matias (2014) para elaboração e planejamento de um evento (pré, trans e pós evento) e a perspectiva do Candomblé acerca dessa organização.

Aqui, é possível estabelecer um diálogo com Allen (2003) ao pensar na ordem de planejamento para a festa no candomblé como sendo um evento. Considerando as particularidades de uma festa no candomblé, podemos enxergar similaridades ao analisar a estrutura da festa a partir da ótica de planejamento de eventos (**Quadro 1: planejamento de eventos**)

Período do evento	Planejamento de eventos sob a ótica de Allen(2010) e Oliveira (2016)	Planejamento de uma festa/evento no terreiro supracitado
Pré-evento	Levantamento de público-alvo, definição de objetivos, elaboração do planejamento, definição do evento	Levantamento de necessidades humanas, materiais, demandas da organização do espaço e atribuição de funções
Transevento	acompanhamento do evento em seus diversos setores	Dois momentos distintos: <ol style="list-style-type: none"> 1. A festa, o candomblé propriamente dito: recepção dos visitantes, acolhimento, acompanhamento etc 2. O banquete, o momento da socialização e do compartilhamento da comida a ser servida: direcionar os babalorixás e iyalorixás para a mesa central, e os demais para a fila
Pós-evento	Relatorias, prestação de contas e avaliação	Organização do espaço em grupo e reunião de agradecimento com o babalorixá

Quadro 1: planejamento de eventos

A partir desta estrutura, considerando cada momento separadamente, foi possível perceber, com a observação e participação, que a elaboração e o planejamento da festa é administrada pelos mais velhos da casa. No caso do *Ile Axé Odé Erinlé*, a festa é planejada de forma conjunta mas sob o acompanhamento do babalorixá Ricardo ti Oxóssi e a Ekeki Omilewá. Nesta fase da festa, eles planejam a festa, a organização do espaço atribuindo funções e os gastos e necessidades humanas e materiais. É importante salientar que cada cargo e integrante da casa tem sua função determinada, se não pelo sagrado, pelo babalorixá ou ekeki.

No segundo momento, que se refere a execução da festa, é demandado atenção e acolhimento por parte dos membros do Terreiro. Nesta fase, estão os papéis de receber e dar boas-vindas a quem chega, acolher os familiares de santo, estabelecer uma sociabilidade mínima entre os visitantes e assegurar que todos estejam acomodados, afinal de contas o Terreiro é lugar de acolhimento e de afeto. Neste momento, cabe ao Sacerdote ou babalorixá abrir a festa e dar início a cerimônia, saudando a entrada do barracão, o meio dele, os atabaques e os convidados da festa.

Iniciada a festa, todos os integrantes e familiares de santo, em fila, do mais velho

para o mais novo, entram no barracão dançando ao som dos atabaques e logo formam um círculo no meio do barracão. Nesse momento, louva-se àquele que merece as primeiras honras, quem recebe as primeiras homenagens, o Orixá Exú. Enquanto a roda gira no centro do barracão, em torno das bênçãos do orixá com quem se inicia todo e qualquer trabalho no Candomblé, os integrantes, outrora na roda, agora repetem as saudações feitas pelo babalorixá. De três em três, ainda do mais velho para o mais novo, saúdam a entrada, o meio e os atabaques. A roda continua seu movimento e os atabaques a tocar o som do aguerê para o Orixá regente do Terreiro, Oxóssi.

Nos Candomblés, todo iniciado deve reverência ao seu orixá. Portanto, sempre que toca a cantiga do orixá de cada pessoa, ela vai em direção ao babalorixá ou iyalorixá para tomar-lhes a benção. Assim também acontece no *IleAxé Odé Erinlé*. Este momento, chamado de Xirê, é o momento em que as pessoas dançam e cantam para que os orixás venham festejar em terra junto aos seus devotos. Aqui, existe uma hibridação, aonde liminaridade se encontra com o metafísico, é o momento em que os iniciados rodantes podem e provavelmente irão ‘virar’ no Orixá. Neste momento, o da incorporação, surgem novos atores e normas que passam a integrar a festa. Mas este trabalho não se propõe analisar os desdobramentos do Xirê, apenas as normas interpessoais que existem na perspectiva macro da festa.

No terceiro momento, o do banquete, voltamos a uma configuração que perpassa as relações interpessoais e as hierarquias existentes na casa. Nele, ficou evidente um dos maiores ensinamentos do candomblé: *os mais velhos merecem [e aqui são] reverência do início ao fim*. Nesta fase, a família de santo previu a presença de babalorixás e iyalorixás, então ficou evidente que a casa se preocupou em recebe-los(las) da melhor forma possível, oferecendo-lhes o melhor lugar, os melhores talheres, pratos, copos, e um espaço reservado para que eles(as) sirvam-se e se alimentem sem que esperem, *a mesa dos pais de santo e cargos*. Enquanto isso, os mais novos formam uma fila noutro espaço para que possam se servir do mesmo alimento que foi servido aos sacerdotes, mas em disposição diferenciada. Enquanto isso, os anfitriões servem a todos(as), para que, ao final, possam se servir. No quarto momento, a família de santo tem a tarefa de, reunida, organizar o espaço pós festa. Como no planejamento, as tarefas são atribuídas a cada membro e destinadas pelo babalorixá ou ekedi. Nesta fase, a família se reúne para organizar cada espaço, recolher cada roupa e pano que necessitam ser limpos. Um outro ensinamento que o Terreiro e a família puderam proporcionar: *todo mundo ajudando todo mundo, ninguém sai antes, ninguém trabalha mais ou menos*¹. Enxergar nesse estudo uma possibilidade de análise que contribuísse para o campo da produção de eventos, possibilitou o enriquecimento das perspectivas já existentes acerca do tema, pois o Terreiro não apenas apresentou uma estrutura similar como também, mesmo considerando suas particularidades e estruturas, enriqueceu os autores deste trabalho de ensinamentos acerca das relações interpessoais a partir da perspectiva do candomblé. Isto dito, é

possível ainda traçar uma narrativa existente entre a estrutura de Cerimonial, Protocolo e Etiqueta nas festas de candomblé com Bettega (2006) quando define “1) Etiqueta: é um fenômeno popular com características de cordialidade e hospitalidade ligadas às normas de comportamento refinado. 2) Cerimonial: são as formalidades espaciais do evento; 3) Protocolo: é a ordem de hierarquia das regras”. Tendo isso em vista, e considerando que o presente trabalho pretende analisar o cerimonial e protocolo a partir da ótica da festa Olubajé, uma possibilidade de análise é reconhecer as funções da festa e aplica-las ao formato convencional, como demonstrado no quadro a seguir.

	Responsável	Função	Funcionamento na festa Olubajé
Recepção	Todos do terreiro anfitrião	Receber, acolher e tornar a festa confortável para os convidados	Nos candomblés, existe o hábito de ‘tomar a benção’ uns aos outros. Neste caso, quem é anfitrião deve ir tomar a benção a quem chega.
Mestre de Cerimônia	babalorixá/iyalorixá	abrir e conduzir a festa	os pais e mães de santo tem a função de abrir o xirê fazendo as saudações devidas
Chefe de cerimonial	babalorixá/iyalorixá, ekedis, ogãs e egbomis	Gerir ou conduzir os mais novos em suas funções	Os mais velhos conduzem os mais novos
Ordem de precedência no Barracão de Candomblé	Todos do terreiro anfitrião	Conduzir os convidados babalorixás/iyalorixás e demais para assentos reservados para eles dentro da disposição estabelecida no candomblé	babalorixás e iyalorixás tem lugares especiais na disposição do barracão, sendo esses lugares reservados apenas para eles(as)

Quadro 2: distribuição de funções

5 | CONCLUSÕES

Este trabalho buscou evidenciar a existencia de outra perspectiva acerca do cerimonial e protocolo por meio de identificação e análise das normas que regem a festa de Candomblé Olubajé no *Ile Axé Odé Erinlé*, Terreiro localizado em Águas Lindas do Goiás. Tendo isso feito, foi possível realizar uma observação-participante- reflexão da festa, como propõe Leininger (1991), sob a ótica da observação de Malinowski (1984) e a interpretação seminótica de Geertz (1998), possibilitando o desenvolvimento de algumas reflexões.

Dentre as reflexões feitas neste texto, algumas delas trouxeram ricas contribuições como: 1) pensar o terreiro enquanto campo de produção de conhecimento para o eixo

de turismo hospitalidade e lazer, acerca de Cerimonial e protocolo; 2) a compreensão das estruturas de um evento de candomblé, possibilitando extensão de conhecimento sobre cerimonial religioso; e 3) outra perspectiva de protocolo a partir de uma perspectiva religiosa, atrelada ao sagrado do candomblé, como fonte de elementos para o eixo. A partir disto, pode-se inferir que a pesquisa gerou um produto que pode vir a ser desenvolvido sob outras óticas e estruturas. Aqui, pudemos compreender o funcionamento e as estruturas de um terreiro. Nele, existe inúmeras possibilidades.

A análise a partir do lugar comum dos autores gerou algumas dificuldades que perpassam o campo da ‘neutralidade’ ou mesmo da ‘impessoalidade’. Mas colocamos para reflexão o lugar desse autor que é também sujeito dentro de um contexto que se coloca cada vez mais exprimido e subjugado a perspectivas que não o possibilitam sequer o distanciamento enquanto pesquisador de si. E isso justifica a escolha pelo método etnográfico, pois o que caracteriza a pesquisa por esse não é o seu objeto, mas o método em si (LÉVI-STRAUSS, 1962).

O mais importante, para nós, foi evidenciar a necessidade de se pensar a ciência a partir de outra ótica. Essa percepção pode, e gerou, benefícios ao conhecimento como produto comum ao ser humano. A partir daqui, é possível trilhar outros caminhos e narrativas possíveis de análise acerca do tema, o que possibilita inúmeras estratégias. E o terreiro é um campo riquíssimo de conhecimento que dialoga com a estrutura existente acerca do Cerimonial e Protocolo. Este trabalho ainda possibilita pensar etiqueta à mesa sob a ótica do candomblé, assim como tantos outros eixos dentro do eixo supracitado.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Johnny et al. (Tradução Toledo, M). **Organização e gestão de eventos**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: USP, 1999

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENISTE, José. **Orum-AiyÉ: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô- yorubá entre o céu e a Terra**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos** (TCC). São Paulo, Atlas, 2008.

BETTEGA, Maria Lucia. **Eventos e Cerimonial Simplificando** Ações. Ed: Educs . 2006 CAPUTO, Stela G. **Educação nos Terreiros**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

DALMOLIN, Bernadete M. ; LOPES, Stella M. B.; VASCONCELLOS, Maria da P. C. **A construção metodológica do campo**: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. In: Saúde e sociedade 11(2): 19/34. 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

O saber local. **Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis : Vozes, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A Tradição viva**. História geral da África. Editado por Joseph Ki- Zerbo. – 2. Ed. Ver. – Brasília : UNESCO, 2010, p. 167-212.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo : Atlas 2003.

LATOURETTE, B. **How to talk about the body?** The normative dimension of science studies. *Body and Society*, London, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004.

Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador-Bauru: EDUFBAEDUSC; 2012

LEININGER, M.M. **Culture care diversity and universality**: a theoría of nursing. New York(USA): National League for Nursing Press; 1991

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1962. “**A Crise Moderna da Antropologia**”. In *Revista de Antropologia*, v. 10, n.1 e 2.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo : Abril, 1984.

MAY, T. **Pesquisa social**. Questões, métodos e processos. 2001. Porto Alegre, Artemed. MERLEAU-PONTY,

M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NUNES, Marina Martinez. **Cerimonial para Executivo**. Porto Alegre: Doravante, 2006

OLIVEIRA, Sandra Mara Tabosa de. **Curso de planejamento e organização de eventos**/ Sandra Mara Tabosa de Oliveira. _ Brasília : Editora do IFB, 2016.

PRANDI, R. **Segredos Guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABELO, Mirian; SANTOS, Rita Maria Brito. **Notas sobre o aprendizado no Candomblé**. Revista da FAEBA – **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 35, p. 187-200, jan./jun. 2011.

SANTOS, B. S.. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina , 2009

SANTOS, Erisvaldo P. dos. **A educação e as religiões de matriz africana**: motivos da intolerância. GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.21. disponível em: 28reuniao.anped.org.br/textos/gt21/gt21241int.doc. Acesso em 20 Mai 2015

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Mary Anne V.. Xirê – **A festa do candomblé e a formação dos “entre-lugawres”** In: **Habitus**, v. 8, n. 1/2, p. 99-117, jan./dez. 2010

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Can the subaltern speak?** [Pode o subalterno falar] 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afastamentos 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 159

América Latina 44, 69, 73, 79

Artes Integradas na Arquitetura 142

C

Canais de Participação 94, 95, 96, 97, 98, 109

CEAGESP 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Ciclo Gestacional 12

Circuitos Espaciais 81, 82, 85, 89, 90, 91, 92

Comercialização 81, 82, 83, 84, 85, 86

Comunicação Pública 94, 95, 96, 97, 98, 109, 111, 112

Cuidados 12, 13, 14, 91, 131, 182

D

Desarrollo Sustentable 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Desenvolvimento Regional 113, 114, 115, 124, 125, 126, 127

Dialoga Brasil 94, 95, 98, 99, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111

Diferenciação Social 1, 7

Disputas Simbólicas 1, 9, 10

Doença 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 156, 158

E

Educação Natural 69

Educação Popular 69, 75, 76, 80

Espaço Urbano 1

Estratégias Didáticas 142

F

Formação Profissional 142, 143

H

Hierarquização 1, 3, 8, 10, 157

Hortifrutigranjeiros 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92

I

Ingeniero Químico Industrial 42, 48

J

Jornalismo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Jornalistas Livres 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27

M

Meio Ambiente 113, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 170, 174

Metodologia 33, 34, 39, 40, 41, 61, 79, 115, 129, 131, 133, 137, 138, 139, 140, 146

N

Noticiabilidade 16, 18, 21

P

Paternidade 12, 14, 15

Política 10, 20, 24, 32, 54, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 79, 80, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 118, 125, 127, 128, 130, 131, 133, 139, 154, 160, 162, 163, 165, 168, 171, 172, 173, 174

Produção 2, 5, 6, 7, 8, 10, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 37, 38, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 100, 101, 103, 104, 111, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 123, 126, 128, 132, 140, 154, 156, 159, 160, 161, 166, 167, 169, 171, 172, 173

Projeto Barraginhas 113, 114, 115, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127

R

Restauração Arquitetônica 142, 147, 153

S

Sustentabilidade 113, 114, 115, 116, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 152, 154, 162, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175

V

Valores 16, 19, 20, 30, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 60, 86, 109, 134, 144, 145, 158, 177, 178, 181, 182, 183

Valores-Notícia 16, 19

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020